

agradece

J. A. PIRES DE LIMA

PROFESSOR CATEDRÁTICO DA FACULDADE DE MEDICINA DO PÓRTO

L. 13187 ~~4~~ V.

QUATRO ROMANCES POPULARES

CONFERÊNCIA PRONUNCIADA NOS ESTUDOS PORTUGUESES A 5-VII-43,
ANTES DA 1.^a AUDIÇÃO DE 4 COMPOSIÇÕES DO PROFESSOR CLÁUDIO
CARNEYRO, CANTADAS PELO GRUPO MUSICAL FEMININO DAS PROFES-
SORAS STELA DA CUNHA E CLOTILDE DA CUNHA.

«girava o fuso ou rodava a dobadoira, e
ella a dizer lendas e contos ou a cantar os
romances populares, ora duma caridade mys-
tica como o *Lavrador da Arada*, ou viva-
mente dolentes, como a *D. Silvana*, que não
posso ouvir hoje sem uma ebullição de la-
grimas».

RICARDO JORGE—*Origens & desenvolvi-
mento da população do Pôrto—1897.*



PÓRTO — 1943

Case
2/2



OFERTA

137874 ✓

L. A. PIRES DE LIMA

Professor do Instituto de Pedagogia da Universidade de Coimbra

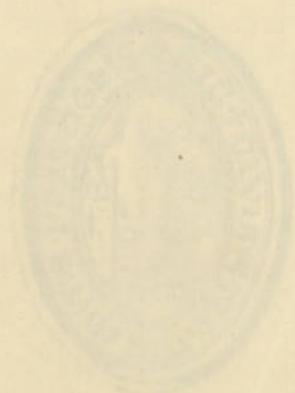


QUATRO ROMANCES POPULARES

CONFERÊNCIA PROFERIDA NOS ESTÚDIOS PORTUGUESES A 6-11-43 ANTES DA 2ª ALCUNDA DE 4 COMPOSIÇÕES DO PROFESSOR ALBERTO CARREIRO, CANTORAS DO GRUPO MUSICAL "FEMINISTAS DAS PROFES- SORAS".

QUATRO ROMANCES POPULARES

Este livro contém a transcrição e a interpretação de quatro romances populares, que foram cantados no grupo musical "Feministas das Professoras" em 1943. O autor é o professor Alberto Carreiro, que os cantou em Coimbra, em 1943. Este livro contém a transcrição e a interpretação de quatro romances populares, que foram cantados no grupo musical "Feministas das Professoras" em 1943. O autor é o professor Alberto Carreiro, que os cantou em Coimbra, em 1943.



EMPRESA EDITORIAL DE LOMBADELA, S. A.
LOMBADELA - PORTUGAL

QUATRO ROMANCES POPULARES

Edições MARANUS

EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PÓRTO, L.da
174, R. Mártires da Liberdade, 178 — Telefone 2798
PÓRTO — 1943

OFERTA

J. A. PIRES DE LIMA

PROFESSOR CATEDRÁTICO DA FACULDADE DE MEDICINA DO PÓRTO



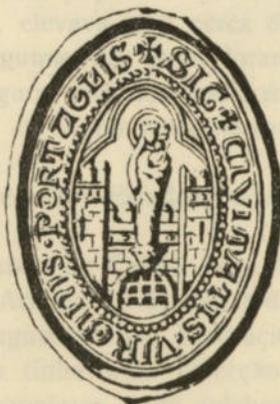
L. 13187-4 v.

QUATRO ROMANCES POPULARES

CONFERÊNCIA PRONUNCIADA NOS ESTUDOS PORTUGUESES A 5-VII-43, ANTES DA 1.ª AUDIÇÃO DE 4 COMPOSIÇÕES DO PROFESSOR CLÁUDIO CARNEYRO, CANTADAS PELO GRUPO MUSICAL FEMININO DAS PROFESSORAS STELA DA CUNHA E CLOTILDE DA CUNHA.

«girava o fuso ou rodava a dobadoira, e ella a dizer lendas e contos ou a cantar os romances populares, ora duma caridade mystica como o *Lavrador da Arada*, ou vivamente dolentes como a *D. Silvana*, que não posso ouvir hoje sem uma ebulção de lagrimas».

RICARDO JORGE — *Origens & desenvolvimento da população do Pôrto — 1897.*



R. 141803

PÓRTO — 1943

OFFERTA

J. A. PIRES DE LIMA

PROFESSOR CATEDRÁTICO NA FACULDADE DE MÚSICA DO PORTO



QUATRO ROMANCES POPULARES

CONFERÊNCIA PRONUNCIADA NOS ESTUDOS PORTUGUESES A 24-III-44
ANTES DA AUDIÇÃO DE 4 COMPOSIÇÕES DO PROFESSOR CLÁUDIO
CARREYRO, CANTADAS PELO GRUPO MUSICAL FEMININO DAS PROFESSORAS
SÓCICAS SÓCICAS DA CUNHA E CLÓTILDE DA CUNHA.

SEPARATA DO «BOLETIM CULTURAL»
DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
VOL. VI — FASC. 3-4.

Impressão: J. A. Pires de Lima — 1944

R. 141803



PORTO 1944

QUATRO ROMANCES POPULARES ⁽¹⁾

HÁ vinte e tantos anos, começou Fernando de Castro Pires de Lima a colher quadras populares e outros elementos folclóricos numa pequena freguesia do Minho (S. Simão de Novais — Famação). Com êsses materiais, publicou diversos trabalhos, entre os quais os dois volumes «Cantares do Minho», que fazem parte da excelente «Biblioteca etnográfica e histórica portuguesa», dirigida pelo professor Damião Peres.

Algum tempo depois, a sua irmã Maria Clementina dedicou-se a colher melodias populares na mesma região; à data da sua prematura morte, elevava-se a cêrca de duzentos o número daquelas melodias, algumas das quais foram harmonizadas, quer por ela, quer por alguns distintos compositores (V., na mesma colecção, os volumes: «O vinho verde na cantiga popular» e «Folclore musical»).

Os freqüentadores dos «Estudos Portugueses» ouviram muitas daquelas canções.

Em 1941, Fernando de Castro Pires de Lima foi convidado pela «Federação das Academias de Letras do Brasil» a estudar as trovas populares portuguesas e sua emigração para o Brasil.

Lembrou-se que tinha uma colecção inédita de cêrca de cinquenta romances populares e, de colaboração comigo, redigiu uma memória, com destino a ser publicada no País irmão.

(1) Conferência nos «Estudos Portugueses», 5-VII-43.

Em virtude do estado de guerra, julgando perdido o nosso manuscrito, refundimos a obra, que foi editada na colecção do Professor Damião Peres, com o título: «Contribuição para o estudo do Romanceiro Minhoto» (21).

No espólio da querida Maria Clementina encontrei as melodias, por ela colhidas, de quatro rimances: duas vélhas xácaras — *Dona Silvana* e *Conde de Alemanha* — e dois modernos — *O Canário do Rei* e *Antoninho*.

O insigne compositor Cláudio Carneyro prontificou-se a harmonizar e a desenvolver as pequenas melodias populares, e as quatro obras de Cláudio Carneyro foram incluídas naquele volume (21).

Vamos ter o grande prazer de assistir à sua primeira audição; mas antes que o brilhante grupo coral das Professoras Stella da Cunha e Clotilde da Cunha nos delicie com êste concêrto, permitam-me que diga duas palavras sôbre aquêles romances populares.

*

Carolina Michaëlis de Vasconcelos (13) considerava justamente de tema antipático o romance da *Silvaninha*, divulgado por Garrett (5).

Baseado nêle, redigiu o chefe do Romantismo o poemeto «Adozinda», cujo enrêdo faz passar em Landim, bem perto do local onde foram colhidos os nossos rimances.

Mas o que é verdade é que o genial escritor, na elaboração do poemeto, fêz trabalhar demasiadamente a sua fantasia (21).

No Minho, o romance *D. Silvana* não corresponde, em geral, à *Silvaninha* de Garrett, mas antes ao tema de outro rimance colhido por êste escritor, com o título de *Conde Iano*.

As cinco versões da *Dona Silvana* colhidas em S. Simão de Novais, tôdas elas derivam do tema dêste último rimance.

No nosso livro discutimos os passos da xácara, que aludem aos meninos prodígios e à indissolubilidade do casamento.

Teófilo Braga (2) chama-lhe *Romance' do Conde Alberto* e

Conde Alves e pergunta se êle não terá origem no assassinio de D. Maria Teles. Silvio Romero (3) insere uma versão colhida em Sergipe (Brasil), com o nome de *Conde Alberto*.

Em nota de Teófilo Braga, confronta-se esta versão com outra da Ilha de S. Miguel e fala-se da imoralidade de Júlia, filha de Augusto, imperador romano. Estará aí a origem da xácara do *Conde Iano*? — pergunta, fértil em arrojadas hipóteses, Teófilo Braga.

J. Pérez Ballesteros (4) recolheu uma variante da versão galega da nossa D. Silvana. Começa dêste modo: *Indo doña Silvela...*

Ataide Oliveira (6), além da Silvaninha garreteana, colheu no Algarve três variantes do Conde Iano: *D. Silvana*, *D. Iria* e *A Condessa*.

Teófilo Braga, na 2.^a edição do seu opulentíssimo «Romanceiro Geral Português» (7), não hesita em ir buscar à mais remota antiguidade as origens dos romances. Assim, o tema da *mulher perseguida* (D. Silvana) proviria das cantilenas espalhadas por ocasião da invasão dos Hunos. E o da *esposa infiel* (Conde de Alemanha) derivaria das novelas galo-bretãs. A antiguidade das tradições populares portuguesas demonstraria a vitalidade da nossa raça, e a energia da nossa nacionalidade.

Aquêl «Romanceiro» insere treze versões da Dona Silvana, uma das quais, colhida na Ilha de S. Jorge, estabeleceria, para Teófilo Braga, o sincretismo com o romance do *Conde Alarcos* (Conde Iano).

Do Conde Iano apresenta nada menos de dezassete versões, colhidas em várias localidades do Continente português, bem como na Madeira, Açores, Índia, Brasil e Galiza. Têm os nomes de *Conde Iano*, *Conde Alberto*, *Conde Alves*, *Silvana*, *A Infanta Castigada*, *Dona Silvana*, *Dona Iria*, *A Condessa*, *Conde Elardo*, *Conde Alário*, *Conde de Alba*, *Conde de Alardo (Alarcos)*, *Silvaninha*, *Conde Olário*, *Conde de Algália*.

Dentre elas, foram colhidas na Índia duas versões do *Conde Iano*, com os títulos: *Silvaninha* e *Conde Alves*; no Brasil (Sergipe), uma chamada *Conde Olário*, havendo também vestígios do romance

no Rio Grande do Sul; e, na Galiza, a variante denominada *Conde de Algália*.

Nas notas do vol. III, Teófilo já alude às tendências para a fusão da *D. Silvana* com o *Conde Iano*, sobretudo nos Açores. Informa aquêlê escritor que D. Carolina Michaëlis já verificara que o povo tem tendência para amalgamar os romances em que a mulher padece tormentos sem os merecer (*D. Silvana*, *D. Helena*, *Conde Iano* e *Conde de Alemanha*).

Fernandes Tomás (8) insere uma versão do *Conde Alberto*; Augusto C. Pires de Lima (9) já tinha verificado que, no Minho, o mais conhecido rimance era a *Dona Silvana*, isto é, o *Conde Iano* e o P. Firmino Martins (11) registou em Vinhais uma *Silvaninha*, variante do *Conde Iano*.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos (13) é de opinião que as músicas dos romances, em grande parte, devem ter vindo de Espanha nos Séculos XV e XVI, quando havia tantas relações entre as duas casas reinantes da Península. Havia então, com efeito, entre Portugal e Espanha, íntima comunhão e quasi unidade quanto a manifestações musicais, e o gôsto do povo português pela música e pela dança é bem manifestado nas obras de Gil Vicente. O próprio fundador do teatro português fazia e *ensoava* cantigas.

Parece a D. Carolina Michaëlis que a música do *Conde Alarcos* teria vindo de Espanha no glorioso Século de D. Manuel I e que talvez tenha sido composta por Salinas, catedrático cego da Universidade de Salamanca.

Rodney Gallop (14), no Cap. IX do seu livro, refere-se a vários rimances, alguns dêles acompanhados de melodias. Entre êles, contam-se o *Conde Alberto* e o *Conde de Alemanha*.

Gonçalo Sampaio (18) recolheu no Minho três melodias de *D. Silvana* (Póvoa de Lanhoso) e A. Lima Carneiro (19) colheu também, em Monte Córdova (Santo Tirso), a melodia de outra versão da *D. Silvana* (*Conde Iano*).

Lopes Dias (20) acaba de registar novas lições daquela xácara e Prado Coelho (22), em recentíssimo trabalho, ocupa-se da origem da poesia popular portuguesa e suas relações com a

espanhola, e fala ainda na confusão entre a *D. Silvana* e o *Conde Iano*.

Estudemos agora, sumariamente, o segundo rimance — *Conde de Alemanha*. Enquanto que, na nossa *Dona Silvana*, se trata de uma rapariga que se apaixonou por um homem casado, e não hesitou em promover a morte de sua mulher legítima para se consorciar com êle, o *Conde de Alemanha* ocupa-se de um adúlterio denunciado ao pai por sua própria filha. Para salvar a honra da mãe, declara a rapariga que o Conde a queria ofender a ela.

A versão colhida em S. Simão de Novais (21) pouco difere da lição de Garrett (5); e também são parecidas as duas versões colhidas por Teófilo Braga (2) na Beira-Baixa e em Trás-os-Montes.

Ataide de Oliveira (6) regista uma lição algarvia do *Conde de Alemanha* e ainda outra, de Estácio da Veiga, denominada *Rei da Alemaaha*.

Na riquíssima colectânea de Teófilo Braga (7), estão arquivadas nada menos de dôze versões do *Conde de Alemanha*, colhidas em diversas terras do Continente, bem como na Madeira e Açores.

A xácara tem os seguintes títulos: *O Conde de Alemanha*, *A Rainha descoberta*, *Conde Dom Germano*, *Conde de Germanha* e *Conde de Aramanha*.

Nas notas ao vol. III, aludindo ao título madeirense *Conde de Germanha*, pergunta se a origem da xácara não estaria ligada à corrupção das antigas *Irmandades* (*hermandad*, *germania*, em espanhol).

Um antigo colector de trovas populares citado por Teófilo Braga (1845) ouviu cantar o *Conde de Alemanha* nas imediações de Landim, na mesma região onde a nossa variante foi colhida quási cem anos mais tarde.

Estudando certas versões desta xácara, Teófilo Braga notou as uaco ntaminação com o rimance de *Dona Silvana*. É curioso

que, por vezes, como já vimos, se notam confusões entre diversos romances.

P. Fernandes Tomás (8) regista uma versão, acompanhada de melodia, colhida, há cerca de cinquenta anos, numa aldeia da Beira Baixa.

A. C. Pires de Lima (9) recolheu em Santo Tirso fragmentos do *Conde de Alemanha*, o P. Firmino Martins (11) colheu uma versão em Vinhais e o P. Francisco Manuel Alves (16) colheu uma outra.

Finalmente, A. Lima Carneiro (19) colheu recentemente em Monte Córdova (Santo Tirso) uma extensa variante.

São muito vélhos os romances de que me ocupei. Se não têm a venerável antiguidade de alguns cuja origem Teófilo Braga não hesita em ir buscar aos tempos da Odisseia de Homero, devem contudo provir da Idade Média, ou, ao menos, da Renascença.

O mesmo não acontece aos dois cantos populares de que vou agora tratar.

O povo continua a improvisar poesia lírica, servindo-lhe de tema acontecimentos que, em tôdas as épocas, o vão impressionando.

Na região minhota em que trabalhamos, está muito em voga um cântico popular denominado *O Canário do Rei*, do qual foi colhida uma versão, bem como a respectiva melodia, com letra diferente.

Na secção «Rimas várias», publicou Ataíde Oliveira (6) uma variante algarvia, intitulada *O Canário*.

A. C. Pires de Lima (9) colheu em Santo Tirso outra versão muito parecida e A. Lima Carneiro (19), com o título *O Caçador*, colgiu, no mesmo concelho, (Monte Córdova) outra variante.

Por último, vou referir-me a outro cântico moderno, muito espalhado, que tem o nome de *Antoninho*.

Muito se tem discutido a origem da poesia popular. Afrânio

Peixoto (12) procurou demonstrar que ela é sempre de ascendência erudita.

O célebre escritor brasileiro realizou, a êsse propósito, uma experiência muito curiosa, que consistiu em compor algumas quadras, fazendo-as passar por populares.

Mas não há dúvida que pessoas humildes podem ter veia poética e criar composições, que o povo depois reproduz em seus cantares. Basta citar as cantigas ao desafio, de cantadores portugueses e brasileiros.

Nos sertões do Norte do Brasil, recolheu Luís da Câmara Cascudo (17) numerosos e longos cantares ao desafio, improvisados por gente do povo.

E os etnógrafos brasileiros, como êste e o velho Silvio Romero, não hesitam em reunir aos velhos rimances o «*Bumba, meu boi*» e tantos outros cânticos populares modernos do Brasil.

No género dos cantadores dos sertões brasileiros, muitos têm havido em Portugal. Lembrarei o célebre cantador «*Rijão*», que deliciou, há meio século, os frequentadores das feiras e romarias dos concelhos de Santo Tirso e Vila Nova de Famalicão.

Que pena foi não terem sido coligidas as cantigas ao desafio do celebrado *Rijão*!

Nos citados «*Cantares do Minho*», II volume, de Fernando de Castro Pires de Lima, arquiva-se uma vasta colecção de cantigas ao desafio.

E, ainda há poucos dias, no parque das Águas de Melgaço, entre dois rapazolas que faziam a colheita das flores das tílias, ouvi um longo desafio, em que se cantavam quadras, devidas à inspiração do momento. Eram engraçados êsses versos, conquanto, por vezes, fôsem grosseiros e até obscenos. Começavam assim algumas das quadras:

«Olha lá 'migo *Maneli*,
Olha o qu'eu te *bou contari*...»

É certo que, em dadas circunstâncias, há pessoas que se tornam inspiradas, criando poesia. Conheço uma senhora, inteli-

gente mas sem cultura literária, que, em situação trágica (morte de uma filha), improvisou uma longa elegia, ao som da qual embalava o netinho que ficara órfão.

A meu ver, a poesia popular não se limita aos romances velhos e às quadras que foram popularizadas.

Os etnógrafos, em regra, colhem simplesmente os velhos romances tradicionais, engeitando as produções modernas de tema semelhante. Não me parece justo repudiar composições populares do nosso tempo, para só dar importância aos romances que traduzem gestas do tempo das cruzadas e das descobertas.

Nem a história parou com a epopeia da Renascença, nem o povo estancou a sua actividade poética.

A várias cantadeiras minhotas ouvimos o romance *Antoninho*, talvez derivado de episódio real, cuja autenticidade não pôde averiguar-se. Sobre o assassinio de um padeiro, praticado naquela região minhota há poucas dezenas de anos, também corre uma poesia elegíaca em forma de romance.

O *Antoninho* canta-se com melodia própria, que, pela primeira vez, foi colhida pela malograda Maria Clementina, poucos meses antes de morrer.

A. C. Pires de Lima (9) colheu, há muitos anos, em Santo Tirso, a poesia *Antoninho*, mas não a incluiu no seu *Romanceiro*. E A. de Lima Carneiro (19) colheu uma variante, com o título *O Pavão*. Ambos os etnógrafos a consideram um miserável fado.

Lima Carneiro, alguns meses depois da publicação do «*Romanceiro Minhoto*» (21), arquivou a melodia do *Pavão* na terceira parte da sua obra (19). Essa melodia fôra colhida em Monte Córdova por Luís P. Barbosa. É conveniente confrontá-la com a que foi recolhida, em antes, por Maria Clementina.

*

* *

Peço muita desculpa por afastar ainda por uns momentos, o grande prazer de ouvirmos os deliciosos coros da Professora Stella da Cunha.

Permitam-me que, em antes, preste a devida homenagem a uma Família de Artistas, aqui representada pelo insigne *Maestro*



Tintoreto pintando sua Filha morta.

Cogniet, Léon (1798-1880). Museu de Bordeus.

Cláudio Carneyro. Como está presente, não é pròpriamente a êle que me quero referir.

Entre os quadros que mais me impressionaram no Museu de Bordeus, conta-se a obra-prima de Cogniet, que tem por título: «O Tintoreto a pintar sua filha morta».

Não sei por que estranha associação de ideias e de imagens, a expressão trágica da máscara do pintor veneziano em frente do

cadáver da filha, estendido no leito, de olhos cerrados, bôca entre-aberta, braços descaídos, em completa resolução muscular, não sei por que estranha associação de ideias e de imagens, a expressão do grande Artista lembra-me a que devia ter António Carneiro, grande pintor admirado por todos, grande poeta conhecido de poucos, quando traçou, não com o pincel, como Tintoreto, mas com a sua pena de poeta, o amargo solilóquio em que celebra também o desaparecimento de sua filha querida:

«12 DE FEVEREIRO»

Há um mês que partiu! Tão branca e linda
— Flor única entre as flores que ela amava!
A urna — ai de nós — que A encerrava,
Quando jazia nesta sala ainda,

Era um canteiro — quâsi deleitava!
E a Filha, num sorrir de graça infinda,
Murmurar parecia: — Sê bemvinda,
Oh! Morte compassiva, que eu chamava...

Enlaçadas as mãos, num mudo anseio,
A pobre Mãe e eu ali ficamos,
O coração sangrando, aberto ao meio.

Até que nos levaram... Despertamos
— Estava a Dor sentada de permeio...
E ambos, lúgubrememente, nos fitamos...

Já foram ambos acompanhar a Morta: o Poeta e a *pobre Mãe*... Só ficou a que se sentara de permeio — A Dor. Essa é que ficará neste Mundo, enquanto houver Mães e enquanto houver Poetas!

ROMANCES POPULARES COLHIDOS
EM S. SIMÃO DE NOVAIS

1) D. SILVANA

Onde vai dona Silvana
Pelo corredor acima,
Tocando viola de ouro,
Guitarra de prata fina?
Acordou seu pai e mãe
Com o estrondo que fazia.
Tu que tens, D. Silvana?
Tu que tens, ó filha minha?
De três irmãs que nós éramos
'Stão casadas, têm família;
Por eu ser a mais formosa
Para um lado ficaria.
Não tenho com quem te case,
Não tenho, não, filha minha;
Só se fôr c'o Conde Alberto:
É casado, tem família...
Êsse mesmo é que eu queria!
Há-de-lhe mandar falar
Da sua parte e da minha.
Há-de-lhe mandar falar
Pela nossa criadinha.
Aqui 'stá o Conde Alberto:
Que quer Vossa Senhoria?
Quero que mates Condessa,
P'ra casares com minha filha.
A Condessa não na mato,
Que ela morte não mer'cia!
Mata, Conde! Mata, Conde,
Senão eu tiro-te a vida!
Conde Alberto foi p'ra casa
Mais triste que o que vinha.
Mandou fechar o palácio,
Coisa que nunca fazia.
Mandou vestir os seus criados
Do melhor do que havia.

Mandou tirar o jantar,
Para fazer que comia.
As lágrimas eram tantas.
Qu'até o prato enchia.
Os suspiros eram tantos,
Que o palácio estremecia.
Tu que tens, ó Conde Alberto,
Mais triste que o mesmo dia?
Mandou o rei que te mate,
P'ra casar com sua filha.
Conde Alberto, não me mates,
Que eu morte não merecia!
Mete-me antes num convento,
A pão e água por dia.
Me darás o pão por onça
E a água por medida.
Trazei a filha mais velha,
Que a quero pentear!
Trazei a filha do meio,
Que a quero abraçar!
Trazei o filho mais novo,
Quero-lhe dar de mamar!
Mama, meu menino, mama,
Neste leite de amargar:
Amanhã, por esta hora,
Teu pai m'estará a matar!
Mama, meu menino, mama
Neste leite de paixão:
Amanhã, por esta hora,
Já estarei no caixão!
Mama, meu menino, mama
Neste leite de amargura:
Amanhã, por esta hora,
Já estarei na sepultura!
Ai, Jesus! Quem morreria?
Morreu a Dona Silvana,
Que ela a morte bem mer'cia:
Apartar os bem casados,
Coisa que Deus não fazia!...

2) D. SILVANA

Já lá vai D. Silvana
Pelo corredor acima,
Tocando guitarra d'oiro
Viola de prata fina,
Acordando seu pai e mãe
Com o estrondo que fazia.
O que tem D. Silvana,
O que tem, ó Silvaninha?
De sete irmãs que nós éramos
São casadas, tem família.
Por eu ser a mais formosa,
Porque causa eu ficaria?
Não tenho com quem te case,
Não tentes, ó filha minha...
Só se fôr com o Conde Alberto...
É casado, tem família.
Se fôr da sua vontade
Pois também será da minha.
Mande-o chamar, meu pai,
Pela nossa criadinha,
Que eu me fecharei num quarto
A ouvir o que ela dizia.
Mata Conde, mata Conde,
Mata a *tua moreninha,
Para casares com o Conde Alberto
Para casares com filha minha.
Conde Alberto: não a mato,
Que ela a morte não merece.
Mata, Conde! mata, Conde!
Senão eu tiro-te a vida.
Manda-me a cabeça dela
Nesta adornada bacia.
Conde Alberto foi p'ra casa
Mais triste que o puro dia.
Mandou fazer um jantar
Da melhor coisa que havia.
Conde Alberto foi p'ra mesa
Conde Alberto não comia.
Mandou fechar o palácio,
Coisa que Deus não queria.

Os suspiros eram tantos,
Que o palácio estremecia;
As bagadas eram tantas,
Que até o prato enchia ...
Tu que tens, ó Conde Alberto,
Tu que tens, ó Silvaninha?
Conta-me a tua tristeza
Que eu conto-te a minha alegria.
Vem o mandado do Rei,
Para que te tirasse a vida.
Pois tu isso não o faças,
Que eu a morte não queria.
Mete-me antes num convento
Por sete anos e um dia,
Dando-me o pão por ração
E a água por medida.
Pois eu isso não te faço,
Porq'eu não to posso fazer:
Venho mandado do Rei,
O compromisso tenho de fazer:
Que lhe mandasse a cabeça
Nesta maldita bacia.
Deixa-me ir àquela sala,
Àquêle guarda-vestidos.
Deixa-me ir dizer adeus,
Já qu'eu vou p'ra outra vida.
Traz o meu filho mais véelho,
Que o quero pentear,
Para a madrasta que vier
Trabalho lhe eu tirar.
Traz o meu filho do meio,
Para eu o educar,
Para à madrasta que vier
Madrinha lhe ir chamar.
Traz o meu filho mais novo,
Quero-lhe dar de mamar...
Tocam sinos em Belem:
Ai, Jesus, quem morreria?
E um menino de dois meses
Sua voz *embutaria*:
Morreu a D. Silvana,
Pela traição que fazia.
Mama, mama, meu menino,

Este leite de paixão :
Hoje é comigo nos braços,
Amanhã no meu caixão.
Mama, mama, meu menino,
Êste leite de amargura :
Hoje é comigo nos braços,
Amanhã na sepultura.
O sino que o ouviu
Tornando-o a repetir :
Um menino de dois meses
Sua voz *embutaria*,
Para lhe livrarem a mãe,
Já que ia p'rá outra vida.

3) SILVANA, A FILHA DO REI

Lá vai a Dona Silvana
Pelo corredor acima.
Tocando numa guitarra,
Grande instrumento fazia.
Tu que tens, Dona Silvana,
Porque choras, filha minha ?
Não choro, meu Pai, não choro
Que o chorar derrancaria :
De sete irmãos que nós éramos
Todos sete tem familia ;
Por eu ser a mais formosa,
Porque causa eu ficaria ?
Tu ficaste, minha filha,
Pela tua fidalguia :
Não vejo com quem t'eu case,
Nem com quem te casaria...
Manda-me chamar Conde Alberto.
Que eu com êsse casaria.
Conde Alberto está casado,
Conde Alberto tem familia...
Mande chamar o meu pai,
Da sua parte e da minha.
Conde Alberto veio ao palácio
Saber o que a princesa queria :
Que mates a tua amada
Para casares com filha minha !

Minha amada não na mato
Que morte não n'a merc'cia,
Mata, Conde! mata, Conde,
Senão eu tiro-te a vida,
Tiro-te a tua cabeça
Nesta doirada bacia.
O Conde chegou a casa
Todo cheio de agonia:
Mandou fechar as suas portas,
Coisa que nunca fazia,
Mandou pôr a sua mesa,
Para fazer que comia:
Os arrancos eram tantos
Que até o palácio tremia.
Sua amada lhe perguntou:
Conta-me a tua vida...
Se eu te contasse a minha vida,
Grande paixão te metia.
Se t'eu contasse a minha vida
Que terror te meteria!
Foi teu pai e meu sogro
Que quere que te mate a ti,
Para casar com filha dêle.
Não me mates, Conde Alberto,
Mete-me antes no convento:
Me darás o pão por onça
E a água por medida;
Nem os bichinhos do monte
Saberão a nossa vida.
Não pode ser, minha amada,
Eu casado e tu seres viva...
Deixa-me dar um passeio,
Da sala para o jardim:
Adeus cravos, adeus rosas,
Que vós já murchais por mim.
Dá-me uma bacia de água
Que me quero ir lavar;
Dá-me cá o pente, Alberto,
Que me quero pentear.
Dá-me cá uma toalha
Que me quero *alimpar*.
Dá-me o menino mais vélho,
Que eu quero educar.

Dá-me também o mais novo,
Que lhe quero dar de mamar:
Mama, mama, meu menino,
Êste leite de paixão:
Amanhã por estas horas
Meu corpo está no caixão.
Mama, mama, meu menino,
Êste leite *rechousado*:
Amanhã por estas horas
Meu corpo está enterrado.
Mama, mama, meu menino,
Êste leite de amargura:
Amanhã por estas horas
O meu corpo está na sepultura.
Tocam os sinos na Sé:
Ai, Jesus, quem morreria?
Disse o menino de peito:
Que uns três meses teria:
Morreu a Dona Silvana
Por querer o que Deus não queria:
Descasar os bem casados
Coisa que Deus não fazia...

4) SILVANINHA

Lá vai Dona Silvaninha
Pelo corredor acima,
Tocando viola de ouro
Guitarra de corda fina.
Acorda seu pai e mãe
Com estrondo que fazia:
Tu que tens D. Silvana,
Tu que tens ó filha minha?
De sete manos que eram,
Casados e teem família.
E eu por ser a mais formosa
Por que causa ficaria?
Não tenho com quem te case,
Nem com quem te favoreça.
Só se fôr o Conde de Alberto,
Que é homem da Condessa...
Êsse mesmo desejava,
Êsse mesmo eu queria.

Mande-mo aqui chamar,
Dentro duma Avé Maria.
Eram três horas em ponto
O Conde à porta batia.
Aqui estou, real Senhor,
Venho ver o que me queria.
Quero que mates Condessa
Para casar com Silvaninha.
Eu Condessa não a mato
Que ela a morte não merecia.
Ai, Conde, tu matas, matas,
Se não eu tiro-te a vida!
Tens que me trazer a cabeça
Nesta doirada bacia.
O Conde foi para casa
Mais triste do que o dia.
Mandou o jantar para a mesa
Para fazer que comia:
As bagadas eram tantas
Que até o prato enchia.
Tu que tens, Conde Alberto
Tu que tens, oh! vida minha?
Ou te quiseram matar
Ou te tiraram o sentido.
Não me quiseram matar
Nem me tiraram o sentido:
Quer que te mate, Condessa,
Para casar com Silvaninha.
Ai, Conde, tu não me mates,
Que eu a morte não a mer'cia,
Ai, Condessa, mato, mato,
Senão êle tira-me a vida!
Quer que lhe leve a cabeça
Nesta maldita bacia.
Mandou pintar o palácio
Do mais pretinho que havia.
Deixai-me ir dar um passeio,
D'aqui até ao jardim:
Adeus, casas, adeus, joias,
Adeus, séculos sem fim!
Deixai-me ir dar um passeio
Daqui até ao corredor:
Adeus, casas, adeus, joias,

Adeus, Conde, meu amor!
Mama, mama, meu menino,
Que este leite é de paixão:
Hoje contigo nos braços
Amanhã estou no caixão!
Mama, mama, meu menino,
Que este leite é de amargura:
Hoje contigo nos braços
Amanhã contigo na sepultura!
Tocam os sinos na Sé:
Ai, Jesus, quem morreria?
O filhinho de três meses
À sua mãe respondia:
Morreu a Dona Silvana,
Com a traição que trazia:
Descasar os bem casados
Coisa que Deus não fazia...

5) D. SILVANA

Indo a D. Silvana
Pelo corredor acima,
A tocar numa guitarra,
Muito bem, a maravilha,
Acordou seu Pai e Mãe,
Com o estrondo que fazia:
Tu que tens, D. Silvana,
Tu que tens, ó minha filha?
De sete irmãs que eramos,
Estão casadas, tem família.
Tu, por seres a mais formosa,
Porque causa ficaria?
Já te quis casar com um Conde,
Mas o Conde não te queria.
Mande-me chamar o Conde Alberto
Êsse mesmo é o que eu queria...
Conde Alberto é casado
É casado, tem família.
Mande-me chamar o Conde Alberto,
Que êsse mesmo é o que eu queria.
Aqui está, Conde Alberto.
O que quer Vossa Senhoria?

Manda El-Rei que mates tua mulher,
Para casar com filha minha.
Minha mulher não a mato,
Que ela a morte não merecia.
Mata, Conde! Mata! Conde,
Antes duma Avé-Maria.
Hás-de-me trazer a cabeça
Nesta dojrada bacia.
Conde Alberto foi para casa,
Triste como se via:
Puseram-lhe o jantar na mesa,
E o Conde não comia:
Os soluços eram tantos
Que a mesa estremecia.
Que tens, que tens, Conde Alberto?
Que tens tu, ó vida minha?
Manda El-Rei que te mate,
Para casar com sua filha.
Escuta, escuta, ó Conde,
Que isso remédio teria:
Mandas-me para o convento,
Além, de Santa Maria.
Se isso remédio fôsse,
Por fazer não ficaria.
Mas manda que leve a cabeça
Nesta maldita bacia.
Deixa-me dar uma volta
Da sala para a cozinha.
Adeus moça, adeus aias,
Adeus filhinhos que eu tinha!
Anda cá, filho mais vêlho,
Que te quero ensinar:
A madrasta que vais ter
Como a há-de tratar.
Deita os joelhos em terra,
Para te ela não zupar.
Anda cá filho mais *chegante*,
Mama o leite da paixão:
Amanhã por estas horas
Outra mãe te dará pão!
Anda cá, filha mais nova,
Mama o leite da amargura:
Amanhã, por estas horas,

Já estarei na sepultura.
Tocam os sinos na torre.
Ai, meu Deus! Quem morreria?
Morreu a D. Silvana,
Por uma traição que fazia:
Descasar os bem casados,
Coisa que Deus não queria!

6) CONDE DE ALEMANHA

Dá o sol na vidraça,
Já lá vem claro dia;
O Condinho da Alemanha
Com a rainha dormia.
Não o sabia o Rei,
Nem quem no palácio havia,
Sabia-o só dona Infanta,
Que era a sua própria filha.
Minha filha, se o sabes,
Não me queiras descobrir:
Condinho da Alemanha
De seda te há-de vestir.
Não quero vestidos de seda,
Que os tenho de damasco.
Inda tenho o meu pai vivo,
Não me queira dar padraço.
Dêstes vestidos que tenho
Não os chego a romper.
Assim que o meu pai vier,
É que o há-de saber...
Venha, venha, meu pai, venha,
Boa seja a sua vinda,
Que tenho p'ra lhe contar
Uma história muito linda:
Estando à minha janela,
Dobando seda amarela,
Veio o Conde de Alemanha
E tirou-me três fios dela.
Te peço, ó minha filha,
Que lhe queiras perdoar:
O Condinho de Alemanha
É menino, quer brincar.

Diabo leve o brinquinho,
Diabo leve o brincar:
Agarrou-me por um braço,
P'ra cama me quis levar.
Anda cá, ó minha filha,
Manda tirar o jantar:
Inda antes de uma hora
O Conde se vai degolar.
Venha, venha, minha mãe,
Àquela janela ver:
Venha ver o seu amante
O que vai a padecer.
Maldição te deito, filha,
Fora o leite que mamaste.
Olha um Conde tão lindo
A morte que lhe causaste...
Eu deitei a culpa a mim,
Inda se não quer calar?
Que a morte qu'ê leuou
Devia-a você levar...

7) O CANÁRIO DO REI

Esta noite fui à caça.
Certo canário cacei,
Para mandar de presente
À filha do noso rei.
A princesa brasileira
Mandou fazer uma gaiola
Da mais fina madeira.
Depois da gaiola feita,
Seu canário meteu dentro.
Quer de dia, quer de noite,
Lá era o seu intento.
O canário saiu fora,
Mas logo se constipou.
Mandou fazer uma junta
De vinte e um cirurgiões.
Se o canário já morreu,
Se o canário não tem cura...
E lá vai o pobre canário,
Direito para a sepultura.

8) O CANÁRIO DO REI

Esta noite fui à caça,
 Lindo canário cacei :
 C'o canário respeitei
 A filha do nosso Rei.
 A filha do nosso Rei
 É princesa brasileira ;
 Mandou fazer a gaiola
 Da mais fininha madeira.
 Depois da gaiola feita,
 Meteu canário lá dentro :
 Quer de noite, quer de dia,
 Era o seu entretenimento.
 O canário adoeceu
 Com grande constipação ;
 Mandou fazer uma junta
 De vinte e um *sergião*.
 Os *sergiões* eram novos
 Não lhe deram com a cura :
 Lá vai o triste canário
 Direitinho à sepultura !

9) ANTONINHO

Antoninho, como criança,
 A sua pèdrinha atirou,
 A brincar com os estudantes,
 Sem querer, o pavão matou.
 Tu que fazes, Antoninho,
 Tu que andas a fazer ?
 Mataste o meu pavão...
 Da mesma sorte vais morrer !
 Antoninho foi p'ra casa,
 Muito triste e a chorar.
 O pai assim que o soube,
 Logo lhe foi perguntar :
 Antoninho, tu não chores,
 Nem te ponhas a chorar :
 Aqui tens dezoito liras,
 Para lho pavão pagar.
 Bons dias, senhor Albino,

Eu venho com criação;
Aqui tem dezoito liras,
Para pagar o seu pavão.
Oh! homem, vá-se embora,
Com a amizade, não é nada.
Manda o pequeno p'ra aula,
Que a morte está perdoada.
Antoninho, vai para a aula,
Estás em tempo de aprender!
Vou p'ra aula, meu pai, vou.
Adeus, que me não torna a ver!
Sairam os estudantes todos,
Ficou lá o Antoninho:
Ficou na casa da aula,
Morto como um passarinho.
O pai, assim que o soube,
Encheu-se logo de horror.
Meteu um punhal na mão:
Vou matar o professor!
Na cidade de Coimbra
Vai lá grande compaixão:
Houveram logo duas mortes
Só por causa dum pavão.
A respeito disto tudo
Esta história acabou.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — 1843 — GARRETT — *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, I, Lisboa.
- 2 — 1867 — TEÓFILO BRAGA — *Cancioneiro e Romanceiro Geral Português*, I-III, Pôrto.
- 3 — 1883 — SILVIO ROMERO — *Cantos Populares do Brasil*, I-II, Lisboa.
- 4 — 1886 — BALLESTEROS — *Cancionero popular gallego*, I-III, Madrid.
- 5 — 1904 — GARRETT — *Romanceiro*, I, Lisboa.
- 6 — 1905 — ATAÍDE OLIVEIRA — *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve*, Pôrto.
- 7 — 1906-1909 — TEÓFILO BRAGA — *Romanceiro Geral Português*, 2.^a ed., Lisboa.
- 8 — 1913 — FERNANDES TOMÁS — *Vêlhas canções e romances populares portugueses*, Coimbra.
- 9 — 1915 — A. C. PIRES DE LIMA — *Tradições populares de Santo Tirso*, «Revista Lusitana».
- 10 — 1919 — FERNANDES TOMÁS — *Cantares do povo*, Coimbra.
- 11 — 1928 — P. FIRMINO MARTINS — *Folclore do concelho de Vinhais*, Coimbra.
- 12 — 1931 — AFRÂNIO PEIXOTO — *Missangas* — São Paulo.
- 13 — 1934 — CAROLINA MICHAËLIS — *Romances vêlhos de Portugal*, 2.^a ed., Coimbra.
- 14 — 1936 — RODNEY GALLOPP — *Portugal — A book of folk ways* Cambridge.
- 15 — 1938 — LEITE DE VASCONCELOS — *Opúsculos V*, Lisboa.
- 16 — 1938 — FRANCISCO MANUEL ALVES — *Memórias do Distrito de Bragança*, X, Pôrto.
- 17 — 1939 — LUÍS DA CÂMARA CASCUO — *Vaqueiros e Cantadores*, Pôrto Alegre.
- 18 — 1940 — GONÇALO SAMPAIO — *Cancioneiro Minhoto*, Pôrto.
- 19 — 1941-1943 — A. LIMA CARNEIRO — *Cancioneiro de Monte Córdova*, «Douro Litoral».
- 20 — 1942 — J. LOPES DIAS — *Etnografia da Beira*, VI, Lisboa.
- 21 — 1943 — J. A. PIRES DE LIMA e F. C. PIRES DE LIMA — *Romanceiro Minhoto*, Pôrto.
- 22 — 1943 — PRADO COELHO — «*O Romanceiro de Garrett*», Lisboa.



ACABOU-SE DE IMPRIMIR
NA EMP. INDUSTRIAL GRÁFICA DO PÔRTO, L.^{DA},
174, RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
NO ANO DE 1944.

